

| | | | | | | | | | | | |
|--|--|---------|--|--|--|--|--|--|--|---|------------|
| <table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table> | | | | | | | | | | Delfos: fragmentos da história de uma cidade luz | Fev / 2014 |
| | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | |
| labeca | | 1 de 11 | | | | | | | | | |

RIBEIRO. M. C. L.¹

2014. Delfos: fragmentos da história de uma cidade luz. S.P., Labeca - MAE/USP.

[revisão Labeca]

*“Se dizem muitas coisas diferentes de Delfos, e, todavia mais ainda sobre o oráculo de Apolo” (PAUSÂNIAS, 115 d.C.-180 d.C., *Descripción de Grecia*, Livro X. 5. 5).*

Localização: Vale de Pleistos, entre os montes Parnaso e o Cirfis, na região da Fócida, Grécia.

Delfos era uma das localidades mais importantes do mundo antigo, considerada pelos gregos o centro do mundo habitado. Contava o mito que Zeus havia libertado duas águias em vôos livres de extremidades opostas, leste e oeste. Em seguida, as aves se encontraram no coração de Delfos, onde uma pedra – o ônfalos – simbolizava o exato local do umbigo do mundo, o ponto central do Universo. Certamente nenhum grego desacreditava dessa história que conhecemos através de Estrabão (século I a.C.), embora houvesse discordância em relação às aves que Zeus havia soltado, pois, segundo Píndaro, um poeta do século V a.C., tratavam-se de corvos.

Delfos, que bem poderia receber o apelido de cidade luz, pois que inundada com o brilho que reluzia de Apolo e das luzes cintilantes de seus pés (Massi, 2010, v. 200-205, p. 146) ganhou muito prestígio, especialmente no Período Clássico (V a.C - IV a.C.). As pessoas, individualmente ou em delegações, saíam de todas as partes da Grécia e de lugares não gregos e seguiam por uma das três estradas pelas quais se chegava ao santuário. Muitos iam a cada quatro anos participar como espectadores ou competidores dos Jogos Pítricos, os Jogos mais importantes depois das Olimpíadas; outros procuravam respostas e conselhos no famoso oráculo de Apolo, ou iam agradecer ao deus por algum benefício alcançado. Ainda hoje, em boa medida, os délfios vivem desse ir e vir; diferente de antigamente, entretanto, o motivo é sobretudo o turismo. Aqueles que visitam as ruínas do santuário de Apolo procuram a aura mágica que cobria o lugar e podem observar, através dos seus vestígios materiais, o esplendor dos velhos tempos. Em 1987 Delfos foi declarada Patrimônio Histórico da Humanidade pela UNESCO.

¹ Professora da Universidade do Estado da Bahia/UNEB. Membro do Labeca/ Bolsista do Cnpq

| | | | | | | | | | | | |
|--|--|---------|--|--|--|--|--|--|--|---|------------|
| <table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table> | | | | | | | | | | Delfos: fragmentos da história de uma cidade luz | Fev / 2014 |
| | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | |
| labeca | | 2 de 11 | | | | | | | | | |

Muitos escritores antigos contam como o deus Apolo se tornou o senhor de Delfos. Segundo Eurípides (*Ifigênia em Táuride*, v. 1234-1258)², que viveu entre 485 e 406 a. C. o filho de Zeus nasceu na ilha de Delos e a sua mãe, Leto, o levou ao monte Parnaso quando ainda era um bebê. Píton, uma enorme serpente, dominava o santuário de Géia, porém Apolo, de cabelos dourados, hábil tocador de lira e certeiro em suas flechas, matou o monstro e tornou-se senhor do local, distribuindo profecias para os mortais a partir de então.

Delfos possuía uma terra sagrada onde não se permitia habitar continuamente e nem explorar. Além disso, havia um rebanho de ovelhas, cabras, gado e cavalos, tudo dedicado a Apolo. O Santuário de Apolo era parte integrante dessa terra sagrada. Porém, Delfos não se restringia ao território apolíneo. Ela era uma cidade propriamente, com um regime político específico; por isso, além das terras pertencentes ao deus, ela possuía terras públicas e propriedades privadas (Rousset, p. 227).

A parte mais importante da cidade era, sem dúvida, o Santuário de Apolo, situado no monte Parnaso. Ele era administrado por um conjunto de doze cidades gregas: a Liga Anfictiônica. Em 591 a.C. a Liga declarou a Primeira Guerra Sagrada contra a cidade de Cirra sob o pretexto de que ela cobrava impostos dos peregrinos que iam visitar Delfos. A Liga destruiu Cirra, livrando Delfos do seu domínio. O território de Cirra foi dedicado a Apolo e o cultivo do solo foi proibido.

Os primeiros tempos do Santuário são pouco conhecidos. Talvez no século VIII a.C. o oráculo já existisse. Sabemos que nesse período as pessoas que saíam de sua terra para fundar novas cidades no sul da Itália e na Sicília se dirigiam a Delfos para pedir a Apolo a aprovação dos seus projetos e para indicar o nome das divindades que deveriam ter culto nas novas cidades (Amandry, 1984, *Ibid.*, p. 6)

Cidades de todas as partes e indivíduos particulares construía monumentos no Santuário não só para agradecer ao deus Apolo pelos benefícios alcançados e obter novas graças, mas impor fisicamente, e à vista de todos, a sua identidade e o seu poder. Assim, o espaço do Santuário foi se tornando cada vez mais majestoso. Trípodes, joias, estátuas e tesouros, uma espécie de capela votiva, podiam ser vistos no Santuário. Um dos mais imponentes tesouros foi dedicado pelos atenienses em 490 a.C. pela vitória obtida em Maratona sobre os Persas.

² A história de Apolo nos é contada também no Hino Homérico a Apolo (Massi, 2010, pp. 131-181)

No final do século VII a.C. a deusa Atena recebeu um templo em sua honra, porém o coração do Santuário era o templo de Apolo (Figura 1). O primeiro templo construído em pedra, cujos arquitetos provavelmente foram Trophonius e Agamedes, foi destruído pelo fogo em meados do VI século a. C (548 a.C.). A Liga Anfictiônica reuniu fundos de várias cidades para a sua reconstrução e um templo maior e envolto em um circuito de muros de alvenaria foi construído em substituição (Ibid., p. 11-18).



Figura 1: Reconstituição da praça do templo de Apolo, século IV a.C. EFA. D'Laroche
 Fonte: <http://labeca.mae.usp.br/pt-br/city/42/>, acessado em 15 de janeiro de 2014.

Para chegar ao templo de Apolo os visitantes percorriam um longo e árduo caminho subindo as rochas Fedríades, no Parnaso. Enquanto subiam iam parando e observando as riquezas estampadas nas oferendas monumentais espalhadas por todo aquele espaço. O esforço da caminhada era recompensado

pela beleza e exuberância do templo ornamentado com esculturas, que exibiam muitas histórias, como a vitória dos deuses olímpicos sobre os Gigantes e a chegada triunfal de Apolo a Delfos.

Eram os délfios, escolhidos entre os nobres, que tomavam conta do interior do templo na função de sacerdotes. Eles deveriam se purificar com as águas da fonte Castália, localizada aos pés do monte Parnaso, antes de entrarem no templo e servirem ao deus ao lado da trípole sagrada, onde a Pítia (sacerdotisa) se sentava e proferia os oráculos que recebia do próprio Apolo (Figura 2).



Figura 2: Vaso ático de figuras vermelhas atribuído ao Pintor Codrus, 450 a.C. A Pítia está sentada na trípole e diante dela o homem que foi consultar o oráculo.

Fonte: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/image?img=Perseus:image:1993.01.0664>, acessado em 13 de janeiro de 2014

O templo era dividido em vários compartimentos. Logo na entrada estava o **pronaos**, uma espécie de antessala. Na sequência, estava a **cela**, um lugar de tensão certamente, pois era onde o consulente sentava e esperava até ser atendido. Mais ao fundo encontrava-se o **áditio**, separado por uma porta. No final, mas com uma entrada independente, ficava o **opistodromo**, o tesouro, com inúmeras riquezas que pertenciam ao deus.

| | | | | | | | | | | | |
|--|--|---------|--|--|--|--|--|--|--|---|------------|
| <table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table> | | | | | | | | | | Delfos: fragmentos da história de uma cidade luz | Fev / 2014 |
| | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | |
| labeca | | 5 de 11 | | | | | | | | | |

A fama do oráculo de Delfos espalhou-se rapidamente para além das fronteiras do mundo grego e ele foi consultado também por pessoas vindas do oriente. Muitos eram os motivos que levavam um peregrino ao Santuário de Apolo, desde uma consulta de carácter político até uma consulta de ordem familiar, como a de um casal estéril que desejava ter filhos, ou simplesmente alguém que queria saber sobre as colheitas. Consultar os deuses antes de tomar uma decisão era algo bastante comum aos gregos. Vejamos dois casos: primeiro o caso de Cresos, um rei que governou a Lídia, um império do oriente, entre 560 a.C. e 546 a.C. e, segundo, o caso de Orestes, personagem de um mito grego muito conhecido.

Heródoto (1.46-91) conta que depois de permanecer por dois anos em profunda tristeza pela morte do filho, o rei Cresos, vendo a expansão do império persa, resolveu reagir. Começou por colocar à prova os oráculos de vários lugares, dentre eles o de Delfos, o que mais ganhou a sua confiança. Querendo obter a ajuda do deus Apolo, Cresos procurou agradar-lhe de várias maneiras, com sacrifícios animais e ricas oferendas em ouro e prata enviadas ao Santuário de Apolo. Convicto da sabedoria do oráculo de Delfos, Cresos enviou uma delegação para consultar o deus. Cabia aos lídios perguntar ao oráculo se o rei Cresos deveria mandar um exército contra os persas e se deveria levar consigo algum dos povos aliados.

O oráculo respondeu prontamente que se o rei Cresos enviasse um exército contra os persas um grande império seria destruído. Acreditando que venceria os persas, Cresos marchou contra eles e foi derrotado. Cresos foi preso e agrilhado; contudo, quando estava prestes a ser queimado em uma pira, ele ganhou a simpatia do rei Ciro, que atendeu ao seu maior desejo: consultar mais uma vez o oráculo de Apolo. Cresos queria saber do deus se era comum ele enganar os seus benfeitores e como oferenda enviou ao Santuário os grilhões que lhe prendiam, a prova da sua derrota e do conseqüente engano de Apolo. O oráculo então respondeu que o erro havia sido da interpretação de Cresos, pois quando disse que um grande império cairia, caberia ao inquiridor perguntar ao deus qual império seria derrotado, o persa ou o lídio. Cresos então admitiu que ele havia falhado e não o deus.

Outra consulta interessante é a de Orestes. O seu pai, o comandante que liderou os gregos na guerra de Tróia, Agamenão, foi assassinado pela esposa com a ajuda do amante, quando retornou ao palácio, depois de lutar dez anos e vencer os troianos. Orestes era muito pequeno e para ser salvo foi enviado para

| | | | | | | | | | | | |
|--|--|---------|--|--|--|--|--|--|--|---|------------|
| <table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table> | | | | | | | | | | Delfos: fragmentos da história de uma cidade luz | Fev / 2014 |
| | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | |
| labeca | | 6 de 11 | | | | | | | | | |

outra cidade. Quando se tornou adulto, Orestes procurou o oráculo de Delfos para saber o que deveria fazer e o oráculo disse que ele deveria retornar à sua terra, Argos, matar a sua mãe e o seu padrasto. O jovem cumpriu o oráculo e depois de muito sofrimento foi julgado e inocentado em um tribunal porque o deus Apolo assumiu a culpa.

O interior do templo era uma área de acesso restrito aos sacerdotes, à Pítia e aqueles que viessem consultar o oráculo (o consulente). Cabia aos sacerdotes receber os consulentes, supervisionar os sacrifícios e fazer os devidos encaminhamentos. Do lado de fora alguém tomava conta do templo e recebia os visitantes. As consultas aconteciam em datas marcadas em determinados meses, pois se acreditava que Apolo não residia apenas em Delfos. Supomos que a procura pelo oráculo fosse bastante concorrida. Havia uma ordem de prioridade de atendimento na consulta: primeiro, Delfos e os seus cidadãos; em seguida, algumas cidades tinham a honra da *promanteia*, privilégio de consulta; depois outras delegações de cidade e, por fim, as pessoas individualmente (Bowden, 2005, p. 17). Antes de entrar para consultar, entretanto, era necessário sacrificar um animal no altar em frente ao templo. Logo cedo a Pítia já havia se purificado com as águas da fonte Castália e começava os trabalhos, fazia libações no altar e, sentada na trípode sagrada, no ádito (interior do templo), aguardava as consultas.

Não sabemos exatamente como se dava a consulta. Alguns estudiosos acreditam que o sacerdote era o mediador entre o consulente e a Pítia: o consulente apresentava a pergunta por escrito ou oralmente ao sacerdote que a repassava à Pítia. A mulher mastigava folhas de louro e em meio ao perfume dos incensos falava o que Apolo lhe inspirava. Em seguida, o sacerdote escrevia a resposta dada pelo oráculo e a entregava ao consulente (Petsas, 1989, pp. 11-12). Entretanto, outros estudiosos do assunto acreditam que o consulente fazia a pergunta oralmente e diretamente à Pítia (Amandry, 1984, p.10; Bowden, 2005, p.21). Do lado de fora do templo só era possível ver a fumaça da mirra seca que subia pelos telhados e observar os pássaros que sobrevoavam aquele ambiente enquanto se aguardava, muitas vezes em oração. De repente a porta do templo se abria para que uma nova pessoa pudesse entrar enquanto a outra deixava o seu recinto, cheia de felicidade, de tristeza ou, o que podia ser mais comum, cheia de dúvidas, porque inúmeras vezes o oráculo não era claro, o que valeu a Apolo o apelido de Lóxias, o oblíquo ou obscuro.

O espaço do ádito era muito respeitado e até temido. Restrito a poucas pessoas e local da manifestação do deus, ele alimentava o imaginário popular.

| | | | | | | | | | | | |
|--|--|---------|--|--|--|--|--|--|--|---|------------|
| <table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table> | | | | | | | | | | Delfos: fragmentos da história de uma cidade luz | Fev / 2014 |
| | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | |
| labeca | | 7 de 11 | | | | | | | | | |

Eram comuns as lendas que circulavam sobre o ádito. Pausânias (X.32.17.18) nos conta duas delas: a primeira fala de um homem que, por curiosidade e atrevimento, ousou entrar no ádito de um templo consagrado a Ísis, em Titorea, cidade próxima a Delfos, quando a pira estava em brasas. Ele viu fantasmas por toda parte, mas conseguiu sair de lá e retornar a Titorea. Contudo, após relatar o que havia se passado, morreu. A segunda lenda mostra mais um exemplo de como a transgressão e a desobediência humanas podem custar a própria vida. Pausânias diz que o governador romano do Egito subornou um homem para adentrar no ádito de Ísis, em Copto, próximo ao Nilo. O homem conseguiu entrar e sair do ádito com vida, porém, após relatar o que testemunhou, morreu.

A história do esplendor de Delfos começa a mudar como a história de todas as cidades gregas no curso da guerra do Peloponeso (431 a.C. - 404 a.C.), o conflito que opôs as cidades do mundo grego entre si e acabou por minar as suas forças. Por exemplo, Atenas, que dedicava muitas oferendas a Apolo, em Delfos, volta as atenções para a guerra. Bastava dar uma olhada nos monumentos para se perceber como o quadro havia mudado. Plutarco (45 d.C. - 125 d.C) ficou espantado ao se deparar com monumentos que comemoravam as guerras entre os gregos: entre Atenas e Esparta, entre Argos e Esparta, entre arcádios e esparciatas, entre fócios e tessálios, entre a Liga Anfictiônica e os fócios (Amandry, 1984, p. 18).

O oráculo sobreviveu até o século IV d.C. sob políticas muito diferentes, passando pelo domínio helenístico, depois pelo romano até que perdeu completamente as forças e silenciou. Conta-se que quando o imperador romano Juliano (331 d.C.-363 d.C.) enviou a Delfos um emissário para consultar o oráculo, ouviu da Pítia: “Diga ao rei que o recinto ornado foi abaixo. Apolo já não tem abrigo, nem loureiro profético, nem fonte que fale; a água falante se calou” (Ibid, 1984, p. 26).

Os Jogos Píticos

Delfos era também um centro esportivo importante. A Liga Anfictiônica encarregava-se de organizar os Jogos Píticos, nomeando comissões que cuidavam desde a inscrição dos participantes até a nomeação do juiz. A Liga promovia uma trégua entre todos os gregos para que nenhum conflito perturbasse o andamento dos Jogos. Assim as pessoas podiam transitar livremente das suas cidades até Delfos, especialmente os competidores que vinham das mais diversas regiões,

| | | | | | | | | | | | |
|--|--|---------|--|--|--|--|--|--|--|---|------------|
| <table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table> | | | | | | | | | | Delfos: fragmentos da história de uma cidade luz | Fev / 2014 |
| | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | |
| labeca | | 8 de 11 | | | | | | | | | |

como Teágenes da ilha de Tasos, um atleta do pancrácio e do pugilismo, muito famoso por várias vitórias nos Jogos gregos, inclusive três delas em Delfos.

As primeiras competições eram apenas musicais, cabia aos participantes cantar um hino ao deus Apolo. O primeiro instrumento utilizado foi a cítara e em seguida a flauta. Por estar associado ao mau agouro e a tristes melodias dos cantos fúnebres as competições com a flauta foram abolidas.

O festival foi remodelado pela Liga Anfictiônica no século VI a.C. e outras competições foram acrescentadas como as corridas (de cavalos, com armas e de biga), além de lutas como o pugilato e o pancrácio. Um estádio e uma pista de corridas foram construídos no século V a.C. no topo do Santuário. Suas ruínas podem ser vistas ainda hoje.

A festa durava em média uma semana e começava com sacrifícios e procissões em honra ao deus Apolo. Uma encenação teatral do duelo entre a serpente Píton e Apolo reavivava na memória de todos os tempos primitivos quando o deus se tornou o senhor do Santuário.

Sófocles (496 a.C.- 406 a.C.) nos dá um relato vívido na peça *Electra* de uma corrida de cavalos em Delfos. Na verdade, o pedagogo que conta essa história para a mãe e para a irmã de Orestes está enganando a ambas; tudo fazia parte de um plano para que elas acreditassem que Orestes havia morrido. Dez carros com atletas de vários lugares da Grécia competiam nas pistas da planície de Crisa logo ao amanhecer. Orestes estava lá com as éguas tessálias e aguardava o sorteio feito pelo juiz para saber a posição de largada. Logo que o juiz autoriza a partida, o público pode ouvir o barulho estrondoso dos cavalos e das bridas, pode ver as manobras de ultrapassagem, as colisões e o choque inevitável que jogou Orestes em meio à rede da brida esfarrapada enquanto as suas éguas saíam em disparada pelo hipódromo. O público gritava e vibrava a cada manobra até ver o atleta ser arrastado pelos animais descontrolados, contido com sacrifício pelos condutores. O corpo do jovem Orestes estendido e ensanguentado não poderia ser reconhecido por qualquer amigo.

Não era só a corrida que causava alvoroço na multidão; as lutas também despertavam a curiosidade do público, como o pugilato e o pancrácio. O pugilato era uma das modalidades mais antigas e estava associada à vitória de Apolo sobre Forbas, um pugilista que obrigava os peregrinos que iam para Delfos lutarem contra ele, até que Apolo o vencesse. Os competidores utilizavam faixas de couro de boi para proteção das mãos e com o tempo aprimoraram essa proteção até chegar a uma espécie de luva. O objetivo era levar o adversário a nocaute ou a que ele admitisse a derrota. Um juiz atento às regras observava de perto a

| | | | | | | | | | | | |
|--|--|----------|--|--|--|--|--|--|--|---|------------|
| <table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table> | | | | | | | | | | Delfos: fragmentos da história de uma cidade luz | Fev / 2014 |
| | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | |
| labeca | | 10 de 11 | | | | | | | | | |

Os atletas eram sempre do sexo masculino (mulheres e escravos não participavam), competiam nus e deviam pertencer as camadas sociais mais altas. Era necessário dispor de tempo para o treinamento e dinheiro para viajar e participar das competições nas cidades dos Jogos (Delfos, Olímpia, Corinto, Nemeia). O prêmio para o vencedor era uma coroa de louros, árvore consagrada ao deus Apolo, e o direito de erigir uma estátua no Santuário. Muitos campeões foram eternizados através da poesia que lhes dedicavam os poetas, a exemplo daquelas escritas por Píndaro (522 a.C. - 443 a.C.) e que ainda hoje podemos ler.

Os Jogos floresceram e atingiram o auge acompanhando sempre o desenvolvimento e o prestígio alcançado pelo oráculo de Apolo até o século IV d.C. quando, no ano de 394 d.C., o imperador Teodósio I decretou oficialmente o seu fim (Cabral, 2004, p. 69), deixando a grandiosidade dos Jogos apenas na memória das pessoas, nos testemunhos escritos e nas estátuas dos atletas que ainda podiam ser vistas no Santuário.

Referências Bibliográficas

Fontes e Obras de Referência

ÉSQUILO

2008. *Oresteia (Agamenon, Coeforas, Eumênides)*. Trad. Manuel de Oliveira Pulquério Lisboa: Edições Setenta.

ESTRABÃO

1924 "Geography". In: JONES, H.L. (ed) *The Geography of Strabo*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press; London: William Heinemann, Ltd.

EURÍPIDES.

1965. *Théâtre Complet I. Iphigéniee a Aulis/ Électre/ Oreste. Iphigéniee en Tauroide*. Traduction, introduction et notes par Henru Berguin. Paris : Garnier-Flammarion.

1973. *Íon*. Tradução de Manuel de Oliveira Pulquério e Maria Manuela da S. Álvares (PEREIRA *et alii*).

2009. *Electra. Sófocles/Eurípides. Electra(s)*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Ateliê Editorial.

HERÓDOTO.

1988. *Histórias*. Introd. e Trad. de Mário da Gama Kury. 2ª ed. Brasília: UNB.

| | | | | | | | | | | | |
|--|--|----------|--|--|--|--|--|--|--|---|------------|
| <table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table> | | | | | | | | | | Delfos: fragmentos da história de uma cidade luz | Fev / 2014 |
| | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | |
| labeca | | 11 de 11 | | | | | | | | | |

PAUSÂNIAS.

1994. *Descripción de Grécia*. Livro X. Introdução, Tradução e Notas de Maria Crus Herrero Ingelmo. Madrid: Editorial Gredos.

Obras consultadas

AMANDRY, P.

1984. *Delphi and its history*. Greece na Archaeological Guide.

BOWDEN, H.

2005. *Classical Athens and the Delphic Oracle Divination and Democracy*. Cambridge University Press.

CABRAL, L. A. M. (Tradução e notas)

2004. *Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga*. São Paulo: Odysseus Editora.

Delphi. *Dictionary of Greek and Roman Geography*. Disponível em <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.04.0064>, acessado em 09 de janeiro de 2014.

MASSI, M. L.

2010. "Apolo, deus da música e da profecia". In: JUNIOR, W.A.R. (org.) *Hinos Homéricos: tradução, notas e estudo*. São Paulo: Editora Unesp.

ROUSSET, D.

2002. *Terres sacrées, terres publiques et terres privées à Delphes*. In: Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 146e année, N. 1, pp. 215-241. http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/crai_00650536_2002_num_146_1_22425

SACCONI, K.

2012. *Electra de Eurípidés: Estudo e Tradução*. Dissertação de mestrado. São Paulo: 2012. Disponível em www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-30102012-115821/, acessado em 11 de dezembro de 2013.

SCOTT, M.

2010. *Delphi and Olympia The Spatial Politics of Panhellenism in the Archaic and Classical Periods*. Cambridge: Cambridge University Press.

Sites Consultados:

<http://labeca.mae.usp.br/pt-br/city/42/>

www.greciantiga.org/img/index.asp?num=0573.

<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/image?img=Perseus:image:1993.01.0664>.